

REVISTA DE
HISTÓRIA
DAS IDEIAS



O CORPO

VOLUME 33, 2012

INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS
FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

DO CANTO. UMA LEITURA DE *SONGLINES* DE BRUCE CHATWIN

Apóstrofe às origens da humanidade? (Origens nómadas, migratórias, irreconciliáveis com a territorialização ou sedentarização que as cidades terão consentido.) Exercício de estilo em que os géneros se confundem e hibridizam? (Mito e memória, etnografia, narrativa de viagens, diário, aforismo, fragmento.) Síntese de uma particular perspectiva do mundo moderno em que este é de forma mais ou menos explícita demonizado? Tudo isto e muito mais, assim é *Songlines* \⁽¹⁾

Bruce Chatwin, como em nenhum dos seus livros anteriores, convoca neste uma forma de escrita que simula a desterritorialização e a disseminação dos mundos por si descritos e do projecto literário (e existencial) que os descreve. Aquele que se desloca, faz deslocar a escrita, mostrá-la como móvel, fluida, capaz de capturar, mas de captura improvável, instável, nómada. É neste projecto de deslocamento que emerge uma determinada imagem de um mundo aborígene australiano que tematiza os "trilhos (linhas) do canto" ou, a usar o impressionante título da edição portuguesa, o "canto nómada"⁽²⁾. Do que se trata afinal? *¹²

* Centro de Investigação em Antropologia e Saúde (CIAS) DCV/ Antropologia /FCTUC.

⁽¹⁾ Bruce Chatwin, *The Songlines*, Londres, Picador, 1988 [1987].

⁽²⁾ Bruce Chatwin, *O Canto Nómada*, Lisboa, Quetzal editores (3ª ed.), 2000. Todas as citações mais extensas ao longo do presente artigo apoiam-se nesta tradução feita por José Luís Luna e revista por Ana da Silva e Vasco Rosa.

O livro tem um dos seus eixos numa determinada concepção do território (uma concepção desterritorializada) aborígene. Seguindo Chatwin, a Austrália assemelhar-se-ia a um imenso "labirinto de caminhos invisíveis", aquilo a que os europeus designaram por "trilhos do Sonho" ou "*Dreaming-tracks*" ou, ainda, "*Songlines*", ou, de acordo com a versão aborígene (ou a tradução que dela temos), "Pegadas dos Antepassados" ("*Footprints of the Ancestors*") ou "caminho da Lei" ("*Way of the Law*")⁽³⁾. O território australiano seria, nesse sentido, um território sagrado. Espaços que se percorrem, que se re-actualizam constantemente, e que, para Chatwin, escritor volante, cuja concepção de escrita se prende com o deslocamento (do pensamento, da mão sobre a página, do corpo que se desloca numa superfície, página, pele, *geo-grafia*), se afirmam como espaços emblemáticos da sua (dele, Chatwin) presença nomeável. Como escreve: "Um dia, a tia Ruth dissera-me que o nosso nome de família havia sido em tempos Chettewynde, o que significava em anglo-saxão "o caminho serpenteante"; aquilo convenceu-me de que a poesia, o meu próprio nome e aquela estrada estavam, os três, misteriosamente ligados"⁽⁴⁾.

Os aborígenes são aqui descritos como grupos que sustentam a sua visão do mundo - como se existisse uma visão do mundo aqui em jogo - numa forma de "passeio" ou *Walkabout* cujo significado não se compraz com quaisquer formas de territorialização conhecidas pelos ocidentais. Reportando-se à sua infância - tudo em Chatwin retoma uma "origem" -, o escritor escreve sobre "histórias para adormecer" lidas pela sua tia Ruth em *Lives of the hunted* de Ernest Thompson Seton:

"Caiotito era o patinho feio de uma ninhada cuja mãe fora morta pelo *cowboy* chamada Wolver Jake. Os seus irmãos e irmãs tinham sido abatidos e a sua vida fora poupada para treinar os mastins de Jake. A imagem dele, amarrado, era a coisa mais triste que jamais vira. No entanto, Caiotito cresceu e tornou-se esperto e, certa manhã, fingiu-se de morto e conseguiu escapar para o mato, onde se dedicou a ensinar a toda a uma nova geração de coiotes a arte de evitar os homens. § Não consigo agora explicar as associações que me levaram a relacionar a tentativa de evasão de Caiotito com a 'errância' dos Aborígenes

(3) Bruce Chatwin, *The Songlines*, p. 2.

(4) Bruce Chatwin, *O Canto Nómada*, p. 20.

australianos. Nem, no que diz respeito a este assunto, quando ouvi a expressão 'erranda' pela primeira vez. Contudo, fiquei com uma imagem desses dóceis *Blackfellows* que, um dia, trabalham despreocupadamente numa fazenda de gado e, no outro, levantam a tenda e desaparecem no ar sem uma palavra de aviso e sem qualquer razão"⁽⁵⁾.

Seguindo Chatwin, a geografia é aqui sagrada, sendo que uma "*earthbound philosophy*" parece permear o corpo desse gigantesco território que é a Austrália⁽⁶⁾.

Num diálogo com o seu cicerone e amigo Arkady, um etnógrafo e activista russo que se dedicava a mapear os territórios aborígenes, é-nos dito que a terra, sendo sagrada, deverá permanecer intocada, tal como fora criada, i.e, cantada, pelos Antepassados no "tempo do Sonho" ou "*Dreamtime*". O canto é, de acordo com Chatwin, sinónimo de criação. Perante as observações de Arkady em torno disto, Bruce acrescenta: "Rilke [...] teve uma intuição semelhante. Também dizia que o canto era existência", ao que Arkady remata "Eu sei [...] 'O Terceiro Soneto a Orfeu'"⁽⁷⁾. O soneto de Rilke é revelador pois mostra-nos a densidade ontológica que, para Chatwin, se faz inscrever nos trilhos do canto

⁽⁵⁾ Bruce Chatwin, *idem*, pp. 19-20. A tradução portuguesa adopta "errância" por "*Walkabout*". Prefiro, porém, "Passeio" a "errância". *Walkabout* é, de algum modo, intraduzível. A palavra remete para um contexto de práticas rituais - viagens com um carácter ritual ou sagrado que levariam a uma interrupção nos ritmos de trabalho impostos pelo poder colonial. A palavra parece assim fazer apelo a uma constelação semântica de grande complexidade que mobiliza uma espécie de interferência entre dois universos distintos: aquele que poderíamos designar por aborígene e aquele que poderíamos designar por europeu /colonial / /ocidental. A Austrália é o produto desta interferência, e quase que poderíamos ousar dizer que a complexidade semântica (histórica, social, política, vivencial) de "*Walkabout*" nos envia para a complexidade da construção do Estado/Nação australiano. O termo "Passeio" é uma tradução mais neutra, adoptando porém o preciosismo da maiúscula de forma a conduzir o leitor para o intraduzível "*Walkabout*". "Errância" implica conotações como "vagabundo" ou "sem destino", o que, para lá de se revelar semânticamente desajustadas, denunciam também significados fortemente depreciativos e etnocêntricos.

⁽⁶⁾ "*The Aboriginals had an earthbound philosophy*" (Bruce Chatwin, *The Songlines*, p. 13).

⁽⁷⁾ Bruce Chatwin, *O Canto Nómada*, p. 21.

australianos. "Cantar é ser", como nos diz Rilke⁽⁸⁾. "*Gesang ist Dasein*". Tal como os mitos aborígenes de Criação falam de seres totémicos lendários que terão percorrido o continente no tempo do Sonho cantando o nome de tudo o que lhes surgia no caminho, e conferindo existência a esse território cantado ("*singing the world into existence*", escreve elegantemente Chatwin⁽⁹⁾), percorrer os trilhos do Sonho deverá ser encarado como uma re-criação ou revisitação desse tempo original. Arkady, uma espécie de Virgílio improvável, transporta Bruce, e com ele cada um de nós, para um mundo onde cantar não é somente um modo de regresso e revisitação ritual a uma origem, mas também um mapa ou vector:

"Explicou ainda que cada antepassado totémico, ao atravessar o país, tinha deixado um rasto de palavras e notas musicais ao longo da linha do seu trilho e essas pistas-sonho cobriam a terra como 'vias' de comunicação entre as tribos mais distantes.

- Um canto - disse ele - constitui um mapa e um indicador de direcções. Desde que se soubesse o canto, podia-se sempre encontrar um caminho através do país.

- E um homem em viagem através do deserto segue sempre um determinado canto?

- Antigamente, sim - concordou. - Mas, hoje em dia, vai de comboio ou de automóvel.

- Suponha que o homem se extraviava do itinerário do seu canto?

- Estava a cometer uma transgressão e podia ser varado por uma lança por causa disso.

- Mas, se mantivesse a mesma pista, poderia vir a encontrar gente que partilhava o seu Sonho? Que eram, realmente, irmãos dele?

- Sim.

- De quem podia esperar hospitalidade?

- E vice-versa.

- Então, o canto é uma espécie de passaporte e de senha para uma refeição?

- Repito, é mais complicado.

⁽⁸⁾ Rainer Maria Rilke, *Poemas: As Elegias de Duino e Sonetos a Orfeu*, Porto, Oiro do Dia, 1983, p. 234 (trad. Paulo Quintela).

⁽⁹⁾ Bruce Chatwin, *The Songlines*, p. 2.

Pelo menos em teoria, toda a Austrália poderia ser lida como uma partitura. Dificilmente se encontrava um rochedo ou riacho que não pudesse ser ou não tivesse sido cantado. Os trilhos do canto poderiam talvez ser visualizados como um prato de macarrão composto de várias *Iliadas* e *Odisseias*, torcidas para um lado e para o outro, em que cada episódio fosse legível em termos de geografia⁽¹⁰⁾.

E, neste ponto, o tempo converte-se em espaço. Bruce interroga então Arkady: "Ao dizer episódio - perguntei - refere-se a 'sítio sagrado'? Ao que Arkady responde: 'Exactamente'⁽¹¹⁾. Dir-se-ia que esta conversão de um tempo sagrado numa paisagem sagrada é, segundo Chatwin, um dos aspectos mais importantes da visão do mundo aborígene. Uma parte considerável da tragédia da territorialização forçada procede de uma incompreensão de fundo deste tipo de processo em que o tempo se converte em espaço e em que esta conversão depende de uma viagem: a viagem do canto emblematizada por aquele que canta. Fazer o mundo e fazer o mundo de novo, eis o que está aqui em causa. Assim, *Songlines* é uma incursão mítica na poética aborígene. Escreve Chatwin:

"Ao criar o mundo pelo canto, disse Arkady, os Antepassados tinham sido poetas no sentido original da palavra *poesis*, que significa 'criação'. Nenhum aborígene podia conceber que o mundo criado fosse imperfeito. A sua vida religiosa tinha um único objectivo: manter a terra como sempre fora e deveria ser. O homem que partia pelo deserto fora fazia uma viagem ritual. Seguia as pegadas do seu Antepassado. Entoava as estrofes dele sem mudar uma palavra nem uma nota musical - e recriava assim a Criação"⁽¹²⁾.

Uma espacialização do tempo sagrado é assim mediada pelo canto. *Singing the world into existence*. Esta ontologia é função de uma poética que faz do tempo espaço e do invisível visível.

Mais. A concepção aborígene da realidade enquanto algo que depende de um acto criativo e perceptivo lembra Berkeley ou o budismo, sugere-mos explicitamente Chatwin:

(i°) Bruce Chatwin, *O Canto Nómada*, pp. 23-24.

(11) *Idem*, p. 24.

<12> *Idem*, p. 25.

Às vezes - disse Arkady - vou em passeio pelo deserto com os meus 'velhos' e, de repente, ao chegarmos a uma fileira de dunas, todos eles se põem a cantar. 'O que estão vocês para aí a cantar?', pergunto-lhes. E eles respondem: 'Estamos a cantar o território, patrão. Faz o território aparecer mais depressa'.

Os Aborígenes não conseguiam acreditar que o território existisse antes de o terem visto e cantado - exactamente como, no Tempo do Sonho, o território não existia até os Antepassados o terem cantado.

- Então a terra - disse eu - tem primeiro de existir como conceito no espírito? Depois tem de ser cantada? Só então é que se pode dizer que existe?

- Correcto.

- Por outras palavras, 'existir' é ser apercebido?

- Sim.

- Parece-me suspeitosamente com a 'Refutação da Matéria', do bispo Berkeley.

- Ou com o puro espírito budista - disse Arkady -, que também vê o mundo como ilusão"⁽¹³⁾ ¹⁴.

Gostaria aqui de reter este *insight* e tomá-lo como eixo da minha argumentação.

Berkeley, como se sabe, promove uma teoria "Imaterialista" (a usar os seus próprios termos), uma forma de idealismo subjectivo em que se recusa a existência de uma realidade sem representação. As ideias de rios, montanhas, cadeiras e mesas *são* afinal esses rios, essas montanhas, essas mesas, essas cadeiras. Como diz Philonous para Hylas no terceiro diálogo: "Eu não sou por mudar coisas em ideias, mas antes por mudar ideias em coisas; já que esses objectos imediatos da percepção que, de acordo contigo, são apenas aparências de coisas, eu tomo como sendo as coisas reais elas mesmas"⁽¹⁴⁾.

Trata-se aqui de uma concepção do real que faz deste uma mera representação da mente. Ser é ser apercebido, diz-nos Berkeley, "*esse is percipinada* está fora da mente, nada lhe é exterior"⁽¹⁵⁾. Para Berkeley,

⁽¹³⁾ *Idem*.

⁽¹⁴⁾ George Berkeley, *Principles of Human Knowledge I Three Dialogues*, Londres, Penguin, 1988 [1710,1713], p. 191.

⁽¹⁵⁾ *Idem*, p. 54.

tempo, espaço e movimento não são categorias absolutas, mas categorias que dependem integralmente dessa mente representacional. Poder-se-á, talvez, adivinhar aqui a importância que Berkeley poderá ter tido em Kant. Mas o problema tem uma outra dimensão.

De algum modo, o "mapa" aborígene criado e recriado parece fazer apelo a algo de mais denso, aventuro-me a sugerir. Ao dizer-se que o mundo é uma função da mente, estar-se-á porventura a considerar que essa estrutura conceptual, a "mente" precisamente, é uma entidade estável, reconhecida, com fronteiras clámente definidas. Nada será seguramente mais questionável à luz desta concepção do mundo em que canto, e com ele movimento, ou vice-versa, são parte do sentido e da experiência, e em que os conteúdos da mente, as representações, dependem, afinal, de uma mediação feita pelo corpo via canto e movimento. Ou seja, a concepção idealista e imaterialista de Berkeley nada tem a ver com a concepção aborígene, a haver uma (haverá uma? Comparem-se etnografias diversas sobre grupos diversos: Yolngu, Pintupi, outras). A concepção idealista e imaterialista tem de ser colocada em causa face a descrições do mundo e da experiência que se subtraem à velha ideia de *representação* como entidade desincorporada e descontextualizada, que é uma das mais canónicas no percurso das ideias ocidentais sobre o tópico. A ontologia aborígene tal como ela nos surge em *Songlines* não é uma função da representação.

A mente é uma propriedade emergente de algo de muito mais complexo que recursivamente liga cérebro, corpo e meio. Dir-se-ia que a etnografia aborígene que assoma em *Songlines* (objecto de celeuma e contestação por aqueles que defendem tratar-se não de um texto etnográfico ou estritamente etnográfico, mas, e fundamentalmente, de um texto de ficção), exige que consideremos não tanto uma figura como Berkeley, mas, talvez, uma figura como a de Gerald Edelman. Como nos diz este grande neurocientista numa entrevista de 2004:

"Aquilo que é mais importante compreender é que o cérebro está 'radicado no contexto'. Não se trata de um sistema lógico como um computador que processa apenas informação programada; não produz resultados pré-ordenados como um relógio. É antes um sistema selectivo que, através do reconhecimento de padrões, junta as coisas de modos sempre novos. É este repertório selectivo no cérebro que faz de cada indivíduo um ser único, ao qual pode ser atribuída a habilidade de

criar poesia e música, ao qual podem ser atribuídas todas as diferenças que surgem do mesmo aparato biológico - o corpo e o cérebro. Não há um mapeamento único a criar a mente; há antes uma pluralidade imprevisível de possibilidades. Num sistema lógico, a novidade e a variação imprevisível são comumente consideradas ruído. Num sistema selectivo tal diversidade constitui a oportunidade para uma selecção favorável. Aqui, Darwin e o seu esforço em explicar a variação dentro de populações biológicas através da selecção natural providenciou a ideia principal. Ao considerarmos o cérebro, estamos a falar de uma população de centenas de biliões de células que excedem em muito o número de estrelas no céu. O número de conexões possíveis entre estas células excede o número de partículas no universo. Para dar um sentido disto, considere que o córtex do seu cérebro tem 30 biliões de neurónios. Tem um milhão de biliões de conexões, pelo menos. Se contar uma conexão por segundo, não conseguirá acabar a contagem senão 32 milhões de anos depois.⁽¹⁶⁾

Para os aborígenes o mundo reactualiza-se através do movimento e do canto, sendo estes modalidades de uma cartografia de geometria variável, eminentemente criativa, fenomenologicamente disponível para o que há de virtualmente infinito e desterritorializável. O "ruído" será, afinal, uma das acepções plenas dessa abertura. E os trilhos uma criação sempre renovada de imprevisíveis vozes que se deslocam, e não uma mera representação de um mundo original, tal como Chatwin parece crer.

Não admira que o poder colonial estivesse tão interessado em eliminar esse ruído e essa disponibilidade para caminhos virtuais, linhas ou trilhos que poderiam, quando actualizados, potenciar respostas culturalmente sustentáveis num mundo onde a urgência e a necessidade seriam imperativos maiores.

Como no cérebro de Edelman, essa floresta dentro de uma floresta maior (como ele nos diz recorrentemente, "*the mind is embodied and the body is embedded*"), estamos face a um universo de linhas virtuais que importa percorrer, actualizar, recriar. Chatwin admite-o quando evoca a figura do ex-benedictino Flynn, um dos seus informantes aborígenes: ¹⁶

⁽¹⁶⁾In *New Perspectives Quarterly*, Summer 2004 (http://www.digitalnpq.org/archive/2004_summer/edelman.html).

"Todos os Brancos, começou, cometiam o mesmo erro: julgavam que os Aborígenes não possuíam um sistema fundiário porque eram nómadas. Isso era um disparate. Era verdade que os Aborígenes não podiam imaginar um determinado território como um bloco de terras limitado por fronteiras, mas sim como uma rede emaranhada de 'trilhos' ou 'passagens'.

- Todas as nossas palavras para 'região' são as mesmas que para 'trilho'.

A explicação era simples. A maior parte do interior da Austrália era mato árido ou deserto, onde as chuvas raramente caíam e onde um ano de abundância podia ser seguido por sete anos de penúria. Circular numa paisagem destas era sobrevivência; e permanecer no mesmo lugar, suicídio. A definição do território de um homem era 'o lugar onde não tenho de pedir'. Contudo, sentir-se 'em casa' num lugar daqueles dependia de poder abandoná-lo. Toda a gente desejava ter, pelo menos quatro 'saídas', ao longo das quais poderia viajar em tempo de crise".

Um mundo que se reserva ao direito de divergir e encontrar "pelo menos" quatro saídas não é um mundo de representações mentais desincorporadas e sem contexto. Não é um mundo *à la* Berkeley feito fundamentalmente de ideias, volto a repetir. Mas um mundo de trânsitos permanentes, de sobressaltos e criações, de virtualizações infinitas. Um mundo onde a mente é o produto de uma recursividade permanente entre cérebro, corpo e meio. Um mundo que os "trilhos" reclamam para si (na sua declinação pelo movimento e pela voz) e que nos faz pensar, por exemplo, em Edelman e nas neurociências contemporâneas que questionam amplamente a noção clássica de representação.